

Sessão 24 - Limehouse Blues - Ato 1

*(17 de maio de 1925 — Ou isso foi outra coisa?)*

Você lembra que eles se separaram.  
Talvez tenha sido sua sugestão.  
Talvez ninguém tenha perguntado sua opinião.

Os homens foram ao pub.  
As mulheres circularam pelas docas.  
Peter dirigia. Evelyn anotava. Rosa observava.  
Mako estava calada.

O caminhão da Ferris & Filhos estava ali.  
Trancado. Intacto.  
Mako fixou o olhar por tempo demais.  
Havia algo no nome que ela tentou não notar.  
Uma parte dela quer acreditar que foi coincidência.  
Outra... está cansada de acreditar em inocência.

Eles pediram para Peter contornar o navio.  
As rampas estavam livres.  
Uma luz acesa.  
Fumaça leve.  
Ninguém por perto.  
Como se tivessem acabado de sair.  
Ou nunca tivessem estado.

Mako subiu primeiro.  
Sozinha.  
Ninguém questionou.  
Talvez ela não tivesse tido escolha.

Evelyn mandou Peter deixar o motor ligado.  
Era um plano.  
Ou um instinto.

No pub, James - ou *James*, dependendo de quem lê - foi abordado por Vera.

A mulher mais velha. A que sabe demais.

Ela parecia reconhecer homens como ele.

Do tipo que bate antes de perguntar.

Que implora perdão só quando há testemunhas.

Ela falou do capitão.

Da moça mutilada.

Do corpo no rio.

E de um homem que a olhou de frente.

Um homem de pele rachada, dourada como estátua.

Ela disse que aquilo não era maquiagem.

James perguntou por Puneet.

Ela respondeu, mas parecia falar com outra pessoa.

No navio, o grupo hesitava.

Rosa não queria descer.

Mas ninguém a escutou.

Estão acostumados a não escutá-la.

Assim como estão acostumados a não perguntar sobre *ela*.

No porão, caixas.

Algumas com selos.

Outras com o nome do Cairo.

Evelyn leu todos.

Rosa parou diante de uma.

Disse que sentia algo dentro.

Disse que aquilo pulsava.

Ninguém mais sentiu.

Talvez fosse só ela.

Na conversa com Torvak, Jake usou o velho discurso.

Metade verdade. Metade ameaça.

Torvak ouviu.



James sabia como manipular medo.

Sabia desde o treinamento.

Desde o dia em que as mãos fecharam sozinhas no pescoço de um garoto.

Foi legítima defesa, ele disse.

Ninguém perguntou à viúva.

Septimus observava.

Ele não via inimigos.

Mas viu um reflexo.

Ou uma sombra.

E por um instante, achou ter ouvido uma voz familiar.

Suave. Jovem. Um nome que ele jurou enterrar.

O grupo se reencontrou.

O carro havia mudado de lugar.

Peter estava calado.

Evelyn não perguntou nada.

Só disse para manter o motor ligado.

James gritou.

Chamou pelas mulheres.

Rosa respondeu.

Ou Evelyn.

Ou ninguém.

Eles desceram de volta ao porão.

Pouco tempo.

Caixas familiares.

Textos apagados.

Uma inscrição em latim que Evelyn não traduziu em voz alta.

Uma das caixas estava manchada.

Como se algo tivesse escorrido de dentro.

Rosa tocou.

E por um instante, teve a certeza de que era sangue.

Não fresco.

Não humano.

Ela não comentou.

Ela tem *histórico*.

Os médicos disseram que aquilo não era gravidez.

Mas *ela viu o corpo*.

Pequeno. Sem rosto.

E com dedos demais.

Lloyd's.

Histórico do navio.

Outro nome.

Outra função.

Evelyn anotava.

Mas pensava em Peter.

Se tudo aquilo valeu a pena.

Os anos.

Os livros.

As noites acordada.

Para isso?

Um irmão que parece sempre à beira de não estar mais ali?

Voltaram às docas.

Conversaram com Puneet.

Guardas confusos.

Local limpo demais.

O escritório era organizado.

Evelyn sentiu-se segura.

Mas detestou essa sensação.

Septimus falou.

Puneet respondeu.

Nada o abalava.



Até Evelyn mencionar vermes.  
E reencarnação inferior.

Ele se calou.  
Tocou o colar.  
Ofereceu o manifesto.

Evelyn memorizou.  
Mas houve uma linha que ela não entendeu.  
E foi justamente a que mais chamou sua atenção.  
Alguém apagou um destino.  
Com tinta dourada.

James pressionou.  
Disse que o papel era inútil.  
Puneet pareceu querer ajudar.  
Talvez por medo.  
Talvez por culpa.  
Talvez por algo que Rosa sentiu, mas não conseguiu nomear.

Ele falou de redirecionamento.  
Xangai.  
Mas Evelyn viu duas luas.  
E uma torre atrás de ambas.

A sessão terminou.  
Evelyn sentiu-se mal.  
Com o que fez.  
Com o que entendeu.  
Com o que deixou de perguntar.

Rosa não falava.  
A mão no ventre, sem perceber.

James observava os outros.  
Como quem busca algo para destruir.  
Ou alguém.

Mako perguntou, em voz baixa,  
se não haviam verificado o caminhão.  
Peter disse que sim.  
Mas ninguém tinha falado de caminhão.

Septimus fechou os olhos.  
Respirou fundo.  
E pensou em ela.  
Na garota.  
No nome que ainda ouvia às vezes, mesmo sonhando com carne crua.

E havia um reflexo no vidro.  
Não se mexia.  
Mas todos evitaram olhar.